

Literatura entre feminismo(s) e reconhecimento: notas sobre o #leiamulheres

Porto Alegre¹

“Beware, for I am fearless and therefore powerfull”

Mariah Torres Aleixo (UFRGS/ Rio Grande do Sul)

Resumo: Em 2015 surgiu o clube de leitura #leiamulheres Porto Alegre, na capital gaúcha. Ele está atrelado a um projeto nacional que teve início em São Paulo, também em 2015, a partir da *hashtag* #readwoman2014, criada por uma jornalista britânica. O projeto reúne homens e mulheres mensalmente a fim de debater uma obra, geralmente literária, de autoria feminina. Assim, o trabalho busca refletir sobre o clube de leitura #leiamulheres Porto Alegre por meio da observação participante do encontro do mês de junho de 2018 e da análise de entrevistas realizadas com cinco participantes. Busco compreender o processo das reuniões presenciais, quem são os participantes, como significam o projeto e o que é compartilhado entre eles. Utilizando como rota de compreensão a antropologia das relações de gênero e a antropologia que pensa cidadania e reconhecimento, sugiro que o clube elabora feminismos, promove reconhecimento de maneira específica e inovadora, desloca a noção tradicional de cidadania – especialmente a feminina – e, desse modo, confere renovadas funções sociais à literatura e, também, engendra olhares diferenciados na relação entre antropologia e literatura.

Palavras-chave: feminismo; reconhecimento; cidadania.

Introdução

Em meados de 2016, no meu perfil da rede social *Instagram*, comecei a observar que algumas contas que seguia utilizavam a *hashtag*² #LeiaMulheres para descrever

¹ Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

² Segundo Piza (2012: 12-13): “[u]ma *hashtag* é um comando que tem a função de agrupar imagens relacionadas a um determinado assunto. Este recurso facilita a disseminação de um tópico, assim como organiza o acompanhamento do conteúdo e discussões feitas em relação ao tema colocado em pauta. As *hashtags* são muito usadas em convenções, palestras, encontros, onde tudo que está para acontecer ou já aconteceu é comentado em tempo real. E os usuários interessados no assunto podem se atualizar rapidamente através do buscador do encontrado no Instagram. Para criar uma *hashtag*, o usuário deverá

fotos de livros escritos por mulheres. Acreditando ser apenas um incentivo para a divulgação de autoras e leitura de suas obras, aderi ao uso do artifício em algumas publicações que fiz naquela rede social. Algum tempo depois, soube que havia um clube de leitura de literatura escrita por mulheres e que era também a ele que a *hashtag* fazia referência. Nessa época, havia alguns grupos de leitura Leia Mulheres em capitais brasileiras, tais como São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Onde eu residia à época, o grupo não funcionava.

Fui impulsionada a refletir sobre o Leia Mulheres Porto Alegre a partir de uma disciplina do curso de doutorado em antropologia social e, atualmente, pretendo continuar a pesquisar o assunto paralelamente à tese. Quando comecei as investigações para realizar o trabalho, a página do Leia Mulheres nacional no *Instagram* e no *Facebook* eram seguidas por mim. Por meio delas, descobri e fiz o *download* do aplicativo para o celular, chamado Leia Mulheres, onde se pode acessar a agenda de encontros de todas as cidades em que o clube funciona atualmente³, além de textos produzidos pelas participantes e uma breve história de como a organização começou. Comecei a acompanhar também o perfil do *Instagram* de uma das principais organizadoras do Leia Mulheres Porto Alegre e localizei o grupo Leia Mulheres Porto Alegre no *Facebook*, do qual pedi para participar e fui aceita. Ele possui 1.987 (mil novecentos e oitenta e sete membros) e é onde as organizadoras locais divulgam os eventos mensais, isto é, os encontros presenciais em que se debate uma obra de literatura escrita por mulheres definida como a leitura do mês.

Foi assim que soube do encontro do mês de junho de 2018, ocorrido dia 30 e que teve como objeto de discussão o livro *Frankenstein*, da inglesa Mary Shelley, do qual participei e onde realizei observação participante, em que busquei perceber o que era debatido a partir daquele livro e, posteriormente, indagar qual o significado que as pessoas que acompanham o projeto dão ao processo dos encontros e das chamadas e discussões na *internet*. Porém, diante da frequência mensal dos encontros e do tempo exíguo para a realização do trabalho, julguei que tais questões poderiam ser mais bem apreendidas em entrevistas com algumas integrantes.

taguear a imagem com o símbolo # mais uma descrição do assunto, normalmente sem acentuação (ex.: #pordosol; #fotografianoturna; #instameet e assim por diante). Quando um usuário clicar uma hashtag, todas as imagens tageadas com localizadores iguais irão aparecer.” A autora explica o uso das hashtags no *Instagram*, mas na rede social *Twitter* e, também, no *Facebook* há o uso do recurso e ele segue os mesmos princípios explanados no excerto.

³ Isso pode ser visto no aplicativo e, também, no sítio leiamulheres.com.br. Atualmente, há presença do clube de leitura em 89 (oitenta e nove) cidades brasileiras, sendo, destas, 25 (vinte e cinco) capitais.

Compareci ao debate do *Frankenstein* a partir da chamada via rede social, mas, nos *imponderáveis do cotidiano*, uma conhecida apresentou-me, por meio do *chat* do *Facebook*, a uma amiga que participava assiduamente dos encontros do Leia Mulheres Porto Alegre. Ela, por sua vez, contactou uma das organizadoras, com quem pude conversar, também pelo *chat* do *Facebook*, momento em que expliquei sobre a intenção de realizar o trabalho, consegui marcar data para lhe entrevistá-la e informei que iria à reunião de junho. Assim, quando, no final do encontro, tive a oportunidade de apresentar a pequena pesquisa que estava realizando, pedindo para que – caso tivessem interesse – participassem de uma entrevista ou se dispusessem a conversar comigo informalmente sobre a participação no projeto, estava respaldada por uma das organizadoras. Foi assim que, além de observar uma das reuniões, consegui realizar entrevistas com cinco participantes do Leia Mulheres Porto Alegre, sendo que uma delas foi realizada simultaneamente, com três integrantes.⁴

Nos diálogos, pedi que contassem como começaram a participar das reuniões e discussões do Leia Mulheres Porto Alegre e explicassem como funciona o projeto, questionei sobre sua relação com a literatura, especialmente a escrita por mulheres. Perguntei se elas entendem o projeto como uma iniciativa feminista; e se consideram que ele impacta o mercado editorial. Sendo entrevistas semiestruturadas, quando surgiram questões consideradas relevantes, não me furtei a pergunta-las.

As reflexões que se seguem constituem breve pesquisa etnográfica⁵ feita por meio de observação, da análise dos discursos⁶ das participantes com quem pude conversar e de revisão bibliográfica. Explico o funcionamento do grupo, suas origens e

⁴ Ao longo do texto, os nomes verdadeiros das interlocutoras são mantidos em sigilo a fim de preservar suas identidades.

⁵ Entendo etnografia como o modo com que a Antropologia produz teoria, em conexão com o que propõe Peirano (2014). Nesse sentido, não consiste apenas em uma descrição pormenorizada de um grupo ou situação, realizada após período considerável de tempo de convivência com os interlocutores, o que corresponderia a uma visão mais “tradicional”. A etnografia, segundo a visão da autora, com quem concordo, constitui um exercício constante de bricolagem intelectual a partir das interações estabelecidas com os interlocutores. Nessa acepção, a qualidade e intensidade da interação são mais importantes que a extensão temporal vivida junto dos sujeitos da pesquisa. Até porque muitas vezes tais pessoas estão em constante convivência com os pesquisadores.

⁶ Não intento aqui explicar pormenorizadamente o que entendo por análise de discurso. Trata-se, segundo Silverman (2009), de uma série de diversas pesquisas em Ciências Sociais que se baseia na análise de entrevistas e de textos. Sendo difícil alcançar uma definição exata, a análise do discurso pode ser compreendida, segundo Potter (2003) *apud* Silverman (2009), como “[...] um compromisso analítico com o estudo do discurso como *textos e conversas nas práticas sociais* (...) o enfoque está (...) na linguagem como (...) o meio para a interação; a análise do discurso torna-se, portanto, a análise do que as pessoas fazem. Um tema particularmente enfatizado aqui é a organização retórica ou argumentativa da conversa e dos textos; alegações e versões são construídas para enfraquecer as alternativas.” (2004:203, grifos do autor)

como ele é compreendido pelos participantes mais assíduos. São análises iniciais as quais pretendo aprimorar com a continuidade da pesquisa de campo e, também, com o suporte das discussões com os participantes do grupo de trabalho.

Do #ReadWoman2014 ao Leia Mulheres Porto Alegre

De acordo com a descrição da origem do clube de leitura Leia Mulheres, presente no *site* do projeto e, também, no aplicativo para o celular, a ideia partiu da *hashtag* #readwoman2014 (#leiamulheres2014) proposta pela escritora britânica Joanna Walsh que, pela rede mundial de computadores, incentivava a leitura de livros escritos por mulheres naquele ano.

Ao verificar um cenário de desigualdade de gênero no meio editorial e na prática de leitores, que, em geral, leem/liam poucas mulheres; e inspiradas pela *hashtag* da escritora estrangeira, Juliana Gomes, Juliana Leunroth e Michelle Henriques criaram, em março de 2015, em São Paulo, capital, o clube de Leitura Leia Mulheres. Desde então, a *hashtag* brasileira #leiamulheres não constitui apenas incentivo para a leitura de escritoras via redes sociais, ela também é usada para divulgar encontros presenciais em que homens e mulheres debatem uma obra – em geral, literária⁷ – escrita por uma mulher, sendo tais encontros sempre mediados por mulheres. É regra geral do clube: mulheres e homens podem participar, mas as mediadoras são sempre mulheres. (LEIA MULHERES, 2015)

O clube Leia Mulheres surgiu nacionalmente como forma de crítica às disparidades entre homens e mulheres na cena literária. As participantes de Porto Alegre, com quem interagi, por exemplo, tem a impressão de que as editoras, especialmente as maiores e mais famosas, privilegiam a publicação e divulgação de livros escritos por homens. Em suas experiências como leitoras, elas contam que, quando começaram a participar do clube, perceberam que ao longo da vida tinham lido

⁷ De acordo com o que observei ao ler a agenda dos encontros, divulgada no aplicativo, em geral se lê autoras mulheres que escrevem literatura, mas, eventualmente, há a leitura de livros não literários, escritos por teóricas feministas. Por exemplo, em outubro, no Leia Mulheres de Santa Vitória do Palmar (RS), será discutido o livro “Feminismo em comum: para todas, todes e todos”, da filósofa brasileira Márcia Tiburi. Em agosto, será debatido o livro “A mãe de todas as perguntas”, da historiadora americana Rebecca Solnit, no Leia Mulheres de Maringá (PR). Lygia, Cecília e Sylvia, entrevistadas por mim dia 30 de junho de 2018, disseram que no Leia Mulheres Porto Alegre, há algum tempo, houve debate de um livro da filósofa e ativista feminista norte-americana, Angela Davis. E Marina, entrevistada por mim dia 04 de julho de 2018, lembrou que no clube de Porto Alegre houve o encontro sobre o livro “Como conversar com um fascista” também da Márcia Tiburi, sendo o dia em que o clube mais lotou, estando presentes cerca de setenta participantes.

pouquíssimas obras escritas por mulheres e, também, conheciam poucas escritoras, se comparado ao número de escritores com os quais haviam tido contato.

A percepção das criadoras do clube, bem como das participantes da seção de Porto Alegre, é corroborada por pesquisas recentes sobre o perfil da literatura brasileira e do mercado editorial no país. Pesquisa realizada por Regina Dalcastagnè, professora titular de literatura brasileira da Universidade de Brasília (Unb), mostrou que mais de 70% (setenta por cento) dos livros publicados por grandes editoras do país, entre 1965 e 2014, foram escritos por homens. 90% (noventa por cento) dos autores dessas publicações – entre homens e mulheres – eram brancos, sendo metade dos autores provenientes do eixo Rio de Janeiro/ São Paulo. (COSTA, 2017) Para Marina⁸, uma das organizadoras do Leia Mulheres Poa, as pessoas em geral acabam lendo menos livros escritos por mulheres por conta das práticas das editoras, na sua visão, “(...) o mercado editorial é o grande responsável por essa lacuna sim, de não tratar escritores homens e mulheres da mesma forma.”

Disso se observa que não há somente disparidade de gênero, mas também questões estruturais relativas à raça e diferenças regionais que atravessam o ato de publicar, vender e ler literatura no/do Brasil.

O clube Leia Mulheres vem criticar também a ideia de que mulheres tem uma escrita específica, “feminina”, enquanto que a literatura produzida por homens seria, supostamente, universal. Tal noção é difundida pelo senso comum, pelos meios de comunicação de massa e, pelo que sugerem as pesquisas, também pela prática editorial no país. Segundo as fundadoras, em entrevista para o *HuffPost Brasil*:

Nós rechaçamos o termo 'literatura feminina'. A literatura existe. Ela é feita por homens ou mulheres. Ela pode escrever o que ela quiser. Não existe literatura feminina porque não existe literatura masculina. Existe literatura escrita por homem, mulher, cis, trans. (ROSA, 2016, não paginado, grifos do autor)

Usar o termo *literatura escrita por mulheres* ao invés de *literatura feminina* pode ser compreendido como opção política das organizadoras, a fim de evidenciar que não há diferenças *naturais* entre textos escritos por mulheres ou homens, e que a pouca divulgação, incentivo e, conseqüente, leitura de literatura escrita por mulheres reflete desigualdades nesse campo e não é resultado das características inatas dos sujeitos. Mulheres escrevem tão bem quanto homens, e todos os gêneros literários. É essa a

⁸ Entrevistada por Mariah Aleixo em 04 de julho de 2018.

mensagem que buscam passar. Isso não quer dizer que leitores não identifiquem diferenças entre livros escritos por mulheres em relação aos escritos por homens, voltarei ao assunto mais adiante.

Segundo Marina, uma das organizadoras do clube em Porto Alegre, o *Leia Mulheres* Poa surgiu no mesmo ano que o de São Paulo, 2015, alguns meses depois de ter início na capital paulistana, estando entre os pioneiros no país. Ela havia lido, em junho de 2015, artigo intitulado *Mulheres, literatura e mais uma provocação*⁹, na extinta revista eletrônica denominada *Confeitaria*. O texto problematizava a pouca leitura de escritoras e falava sobre o surgimento do clube em São Paulo. A matéria, além de lhe suscitar a ideia de montar o clube na capital gaúcha, fez com que ela repensasse suas práticas:

[a]í quando eu vi essa entrevista, que ela fala ‘quantos livros escritos por mulheres você leu esse ano?’. Eu não tinha lido nenhum! E aí eu fui na minha estante de livros e vi que 85% das obras elas eram escritas por homens, aí eu fiz uma bela mea culpa, eu me achando ‘a feminista’, não estava lendo obras escritas por mulheres o suficiente, tava sendo levada pelo mercado editorial e pelas promoções das livrarias e editoras, sem exercer o meu feminismo enquanto leitora.”

Ela participava de grupos feministas no *Facebook*, entre eles um que era majoritariamente formado por mulheres que faziam parte da *Marcha das Vadias*¹⁰ Porto Alegre. Neste, propôs a formação do clube *Leia Mulheres* na capital, no que foi incentivada pelas colegas. Assim, contactou, nas suas palavras, “as gurias de São Paulo”, que a incentivaram na empreitada e deram dicas de como proceder. Criou o grupo *Leia Mulheres* Porto Alegre no *Facebook*, onde as pessoas que ingressaram participaram de enquete para escolher o livro a ser lido: “*A descoberta do mundo*”, de Clarice Lispector, foi o selecionado. Depois, foi marcada a data. Marina conseguiu lugar na Casa de Cultura Mário Quintana, fez a divulgação do evento no grupo do *Facebook*, nos grupos feministas dos quais participava e entre pessoas próximas.

Qual não foi a surpresa quando, no dia e hora marcados, compareceram cinco pessoas para debater, entre elas estudantes de literatura, da pós-graduação em educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Patrícia, que já havia contatado o núcleo paulista para tentar organizar o clube em Porto Alegre e foi avisada

⁹ O artigo é de Cortêz (2015) e pode ser conferido em: <http://confeitariamag.com/natachacortez/mulheres-literatura-e-mais-uma-provocacao/>.

¹⁰ Manifestação feminista contra a violência sexual, surgida no Canadá e difundida em vários países, no Brasil, a realização de tais protestos engendrou a formação de coletivos feministas homônimos em diversos estados no país. Sobre o assunto, conferir Gomes e Sorj (2014).

por este da primeira reunião a ser realizada na cidade. Atualmente, é uma das mediadoras do Leia Mulheres Porto Alegre, juntamente com Marina. Nenhuma das feministas que incentivaram Marina no grupo compareceu.

O primeiro encontro foi realizado na Casa de Cultura Mário Quintana, mas diante da burocracia necessária para usar o espaço, as organizadoras saíram à procura de outro local. A segunda reunião aconteceu em uma sala na Usina do Gasômetro, mas os participantes também não consideraram apropriada. Depois de experimentar esses locais, a Biblioteca Pública Municipal Josué Guimarães foi estabelecida como sede dos eventos mensais. As interlocutoras consideravam proveitosas as reuniões na biblioteca, porque além de não haver contrapartida alguma, visto que a direção do local abriu as portas sem exigir nada em troca, sendo sempre muito gentis com o grupo, como salienta Marina; elas entendem que o espaço possibilitava maior diversidade de participantes. Como elas referem, “na época da biblioteca”, pessoas mais diversas compareciam, foi o período em que mais homens frequentaram o clube, mesmo que sempre tenham sido expressiva minoria.

Assim, em parte de 2015, em 2016 e 2017, os eventos aconteceram na biblioteca, mas o local fixo mudou para a livraria Aldeia em 2018, visto que a biblioteca não funcionava durante as férias (especialmente no verão, tempo de recesso de final de ano), e os encontros não deixam de ocorrer nesse período. A livraria é considerada mais bem localizada pelas organizadoras e participantes mais assíduas.

Questionei se havia alguma contrapartida do clube, exigida pela livraria, para que as reuniões acontecessem no local, no que elas me disseram que não existe nenhuma exigência, mas que provavelmente é interessante para o empreendimento, porque sempre se põe à venda os livros que serão debatidos nos próximos meses pelo clube. Algumas pessoas acabam comprando seus exemplares lá.

Desde o início, foi estabelecido que o Leia Mulheres Poa tivesse suas reuniões em todos os últimos sábados do mês¹¹, à tarde, para possibilitar a participação de pessoas que trabalham durante a semana. Elas são mediadas por uma das três mediadoras oficiais do projeto em Porto Alegre, mas as pessoas se dispõem num círculo e se põem a falar as impressões sobre o livro, de maneira horizontal. Pelo menos uma das mediadoras sempre está presente e, quando necessário, representa o clube em algum

¹¹ De acordo com as entrevistadas, isso é relativizado no mês de dezembro, em virtude do natal e do ano novo e, também no período do carnaval. Nesses casos os encontros ocorrem geralmente no penúltimo sábado do mês, ou no primeiro.

evento ou na mídia. Os livros, por sua vez, logo deixaram de ser escolhidos no grupo Leia Mulheres Porto Alegre do *Facebook*, porque não raras vezes as pessoas que votavam na enquete não compareciam aos encontros presenciais. Dessa forma, as obras são escolhidas aos poucos, na medida e que vão sendo sugeridas pelas integrantes mais frequentes. Nas palavras de Marina:

[a] gente não tem uma metodologia. A gente às vezes planeja e depois: ‘a gente tá precisando... Quanto tempo que a gente não lê uma brasileira? Quanto tempo a gente não lê uma africana?’ Então, ‘quem é que sugere um livro?’ Foi isso que aconteceu inclusive na última reunião: ‘bah, a gente tá precisando ler uma africana!’, aí uma deu um nome e provavelmente a gente vai ler o livro daquela escritora que ela indicou

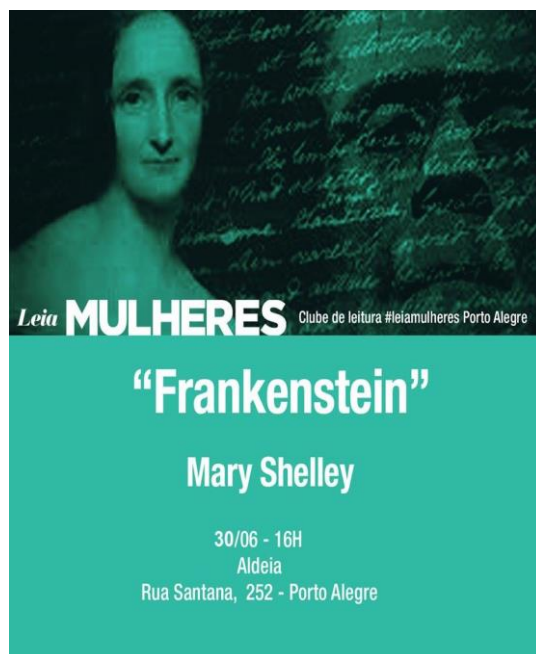
Sobre a escolha dos livros, Carolina¹² sugere que há uma pequena disputa sobre quem vai indicar o próximo livro, sobre qual vai ser o gênero a ser lido, se ficção científica, poesia, biografia, entre outros. As participantes que querem discutir determinada obra acabam fazendo certo “lobby” para que ela seja lida e discutida no grupo o quanto antes. Pelo que compreendi, aquelas que participam dos eventos com mais regularidade são as que tem suas sugestões mais acatadas. Como sugere Marina, é observada não apenas a diversidade de gêneros textuais, mas também a origem das escritoras, provavelmente, também, a questão racial, a fim de potencializar a proposta contra hegemônica de ler mais mulheres.

Atualmente, como avalia Marina, comparecem, em média, de quinze a vinte pessoas nos encontros, quase sempre, todas mulheres, mesmo que a participação dos homens seja permitida. A quantidade de participantes depende também do livro que será debatido, as interlocutoras avaliam que os encontros que “lotaram” foram os referentes a livros mais conhecidos e de maior apelo do público, como “Outros Jeitos de Usar a Boca”, da poeta indiana Rupi Kaur, “A Cor Púrpura”, da americana Alice Walker, que tem filme homônimo, baseado no livro, e “Como conversar com um fascista”, da filósofa brasileira Márcia Tiburi.

Descrevi brevemente o surgimento e a dinâmica do clube Leia Mulheres Porto Alegre. O núcleo do projeto exige apenas que o clube não tenha fins lucrativos, que use a logomarca do Leia Mulheres nos cartazes, estabeleça mediadoras fixas, possibilite a participação ampla, de todos os gêneros e, claro, leia obras escritas por mulheres. Assim, suponho que há diversidade de funcionamentos e arranjos dos clubes Leia Mulheres em cada cidade onde funciona. E Marina confirmou isso ao comentar que no

¹² Entrevistada por Mariah Aleixo dia 12 de julho de 2017.

Leia Mulheres de Gravataí (RS), as reuniões ocorrem dias de semana, pois a maioria do público é de idosas, que tem maior disponibilidade. Mas voltarei às diferenças entre as cidades no último tópico. A imagem abaixo é do cartaz de divulgação do evento de junho, em que foi debatido Frankenstein, de Mary Shelley.



01. Cartaz de divulgação do encontro do clube de leitura #leiamulheres Porto Alegre, usado na divulgação do encontro nas redes sociais e no aplicativo Leia Mulheres. Retirado do evento no Facebook.

Leitoras e leituras

As cinco participantes que entrevistei e com quem interagi, tem entre 25 e 41 anos e todas possuem formação superior completa. Há uma que está cursando a segunda graduação, uma delas é doutoranda e há outra fazendo pós-doutorado. Entre elas, apenas uma tinha formação na área de ciências humanas, as outras quatro são da área de ciências exatas e naturais. Como fui a apenas uma reunião, não há como afirmar que todas as pessoas que participam ativamente do clube tem também formação em nível superior, mas é razoável pensar que sim, visto que o Brasil não é reconhecidamente um país de leitores e, se supõe que quem tem mais anos de estudo leia mais.

Buscando exercer postura e raciocínio antropológicos, diante da semelhança das interlocutoras em relação a mim – desde a faixa etária, passando pelo nível educacional e também pelo gosto pela literatura –, em vez de tornar o exótico familiar, me pus a estranhar o que me parecia conhecido (VELHO, 1981; DA MATTA, 1978). Exatamente, – parecia conhecido – porque certa identificação entre pesquisadora e

interlocutoras não faz com que eu saiba de antemão os meandros do Leia Mulheres Porto Alegre. Nesse sentido, Velho, ao refletir sobre a experiência de pesquisa em áreas urbanas das quais o antropólogo faz parte disse:

“[a]ssim, em princípio, dispomos de um mapa que nos familiariza com os cenários e situações sociais do nosso cotidiano, dando nome, lugar e posição aos indivíduos. Isso, no entanto, não significa que conhecemos o ponto de vista e a visão de mundo dos diferentes atores em uma situação social nem as regras que estão por detrás dessas interações, dando continuidade ao sistema.” (1981:128)

Isso facilitou o diálogo e o acesso às pessoas, tanto que, em meio as entrevistas, dividíamos opiniões sobre livros, escritores, entre outras coisas. E quando desligava o gravador, as conversas continuavam. Mas, por exemplo, creio que tal proximidade fez com que não atentasse em questionar a autoidentificação racial das entrevistadas, tanto que questionei sobre o assunto apenas à Carolina, última pessoa com quem realizei entrevista. Ela se identificou como branca e, creio que se a pergunta fosse feita às demais interlocutoras, elas dariam a mesma resposta. Falarei mais sobre isso à frente.

Como mencionei antes, Marina deu início ao clube a partir da leitura de uma matéria na *internet* que falava sobre o, à época, recém-criado Leia Mulheres São Paulo. Ela disse ter se interessado em criar o grupo porque sempre se considerou feminista e, também, tinha como hábito a literatura, vista até então apenas como lazer. Lygia¹³ disse que começou a frequentar os encontros porque é apaixonada por literatura e que havia participado de outros dois clubes de leitura antes do Leia Mulheres Porto Alegre, mas que não permaneceu muito tempo porque não se interessou tanto pelas leituras e nem pela metodologia, em um deles era quase que obrigatório que todos falassem a respeito do livro e, para ela, muitas vezes é mais importante ouvir o que outras pessoas tem a dizer, pois sua opinião ela já sabe. Viu a chamada para uma das reuniões no *Facebook*, a qual compareceu e, desde então, participa de todas, faltando apenas se estiver viajando; é assídua no clube há cerca dois anos.

Cecília se declara apaixonada por literatura, especialmente o gênero ficção científica, foi ela, inclusive, quem sugeriu a leitura do *Frankenstein* em junho, porque em 2018 a obra completa duzentos anos. Começou a frequentar o grupo porque o livro de uma de suas escritoras favoritas foi debatido no clube. Na época, a autora publicou nas redes sociais que seu livro seria discutido no Leia Mulheres Porto Alegre, no que

¹³ Entrevistada por Mariah Aleixo dia 28 de junho de 2018, juntamente com Cecília e Sylvia.

Cecília soube e pôde ir. Desde então, há um ano, vai regularmente aos eventos. Sylvia começou a ir aos encontros depois de muita insistência de Cecília, sua amiga. Ela lia as obras indicadas mensalmente, mas nunca conseguia ir, até que segundo ela, “chegou o meu momento”. No primeiro debate que compareceu o livro da poeta gaúcha Angélica Freitas, “O Útero do Tamanho de um Punho” era o que estava na roda. Faz um pouco mais de seis meses que tem participado ativamente.

Carolina começou a participar do clube em 2016 e atualmente não tem conseguido ir em todas as reuniões, mas faz o possível para comparecer, sempre que pode. Disse que antes de começar a participar tinha ouvido falar que existia o grupo em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro. Foi mobilizada ao ver uma chamada para reunião em Porto Alegre, no *Facebook*. Não se define como uma grande leitora, diz que gosta de literatura, mas que tem certo trauma da literatura ensinada no colégio, com a qual não se identificava. Tanto que até hoje não gosta de literatura mais antiga, prefere a atual. Disse que quis participar do grupo porque, na época em que iniciou, ela vivia em traslado entre duas cidades, queria aproveitar o tempo na estrada para fazer algo prazeroso. Avalia que o leiamulheres foi e é muito importante para sua formação porque por meio dele conheceu/conhece autoras e leituras que, caso contrário, jamais teria acesso, pois sempre ficou muito presa aos escritos de sua área de atuação profissional.

As entrevistadas não problematizam o uso do termo *literatura escrita por mulheres* ao invés de *literatura feminina*. É como se tivesse solidamente construída entre elas a compreensão de que as mulheres escrevem sobre tudo e das mais diversas maneiras. Falam de ficção científica e sentimentos, vão do árido ao lírico, como qualquer escritor, independente do gênero. Porém, não deixam de perceber nuances que podem estar associadas ao lugar social ocupado pelos autores e, também, à época em que os livros foram escritos. Segundo Sylvia:

“[e]le [o autor] pode não ser tão egocêntrico quanto o Frankenstein, mas ele sempre vai ser egocêntrico, sabe?! Então, tipo, a mulher geralmente tem uma leve percepção melhor sobre, tipo, o que é o mundo, não sendo, sei lá, um homem. Mas eu acho que outras pessoas no mundo vão ter [essa percepção], sabe?!”

Para ela, alguns escritores são muito autocentrados. A diferença, nesse caso, é que provavelmente a escrita de mulheres mostrará olhares mais diversos. Mas reconhece que tal nuance não é intrínseca ao gênero, muitos homens terão uma escrita

“egocêntrica”, mas há a possibilidade de que muitos não venham a ter, escrevendo de maneira mais “plural.” Ela continua, dizendo:

“[à]s vezes tu vai ver por causa (sic) que o homem vai criar uma mulher e ela vai ser só um acessório, não tem como tu não ver isso, entendeu?! Porém, não quer dizer que sempre é assim, às vezes os homens também escrevem de um jeito bom e eles acertam também!”

No que Cecília acrescenta, dizendo que em geral as escritoras mulheres são melhores em construir personagens femininos. Para ela, tais personagens, se concebidas por autoras, tendem a ser mais complexas, contraditórias e menos subservientes aos personagens masculinos da narrativa.

Tais depoimentos sugerem que a prática de ler mais mulheres começou a induzir a percepção das especificidades e peculiaridades da literatura hegemônica, as observações de Sylvia e Cecília mostram o que de particular existe na suposta literatura universal, isto é, a que se diz ser universal, mas que, em realidade, é majoritariamente escrita por homens, como indica a pesquisa da professora da Unb, citada linhas atrás. E, importante frisar, as interlocutoras não indicam que há barreiras intransponíveis caso se queira mudar as características dessa escrita “egocêntrica”. Ler mais mulheres, mais negros e negras, mais autores de países não europeus, entre outras práticas de diversidade talvez seja um caminho de ampliação do repertório de leitura e, conseqüentemente, de escrita. É o que indicam iniciativas como o leiamulheres.

Da mesma forma, todas as entrevistadas dizem que o clube constitui sim um projeto feminista. “[a]o mesmo tempo que não é um grupo feminista no sentido proselitista da coisa, somos todas feministas!”, é o que assegura Cecília. Enquanto que Sylvia assevera: “[a] gente não chega ali falando ‘ah, porque o feminismo’. A gente não tá ali pra *pregar*, a gente tá ali pra discutir o livro, entendeu?!” (grifos meus).

Por meio da observação e das entrevistas, posso afirmar que nem todas as participantes começaram a frequentar o clube porque se entendiam feministas. Ao contrário, muitas foram mobilizadas porque gostavam de literatura, porque queriam conhecer pessoas novas, construir um *hobby*, entre outras coisas. A impressão é de que, após certo tempo como membro do clube, elas, de forma mais ou menos enfática, começam a se identificar e a ter práticas feministas. Mas, que feminismo é esse que não *prega*?

No encontro que debateu o livro de Mary Shelley havia somente mulheres. Muitas afirmaram que o protagonista, Victor Frankenstein, era o típico homem mimado que não se responsabiliza por seus atos, podendo ser comparado a diversos homens contemporâneos. Houve um comentário observando que a reação do juiz, que foi mais amena quando ele descobriu que Victor pertencia a uma classe social mais abastada, remete ao contexto do judiciário brasileiro atual, no qual os juízes não agem com imparcialidade. Suscitaram a genialidade da autora, que, com apenas dezenove anos, construiu um protagonista que acaba não sendo querido pelo público, o que pode ser lido como inovador para a época. Assim, as discussões são as mais diversas, cada livro e cada história debatida remeterá a diferentes temas. O que se conecta à assertiva de Carolina: “[...] então ele [o leiamulheres Porto Alegre] traz essa riqueza, essa pluralidade de olhares, e torna o livro em si como uma desculpa pra tu discutir a vida social, né?!”

“Funções” e “efeitos” da literatura: tecendo feminismo(s) e reconhecimento

A segunda onda do feminismo, que nos países centrais se deflagrou nos anos 1960/1970 e, no Brasil, aproximadamente entre 1970/1980, foi caracterizada pelo surgimento e elaboração de conceitos a fim de explicar – e transformar – a condição subalterna das mulheres nas sociedades. É nesse momento que surgem *patriarcado*, *gênero*, *casta sexual*, *falocentrismo*, entre outros termos e conceitos. Buscando entender as especificidades de sua condição social, as mulheres passaram a se reunir em organizações formadas apenas por elas, de caráter mais horizontal, diferentemente dos partidos, por exemplo, que começam a ser criticados pelas feministas por conta de sua estrutura autoritária, inclusive os de esquerda. (MIGUEL, 1995)

Nesse contexto, surgiram, em diversos países, os grupos de autoconsciência, nos quais as mulheres estudavam teoria feminista ao mesmo tempo em que compartilhavam experiências sobre o “ser mulher” na sociedade. (MIGUEL, 1995) Os clubes de leitura leia mulheres, espalhados pelas cidades brasileiras, podem ser considerados, portanto, uma atualização dos grupos de autoconsciência do passado? A comparação é válida, mas só pode ser feita superficialmente. Há diferenças cruciais nas propostas e formatos.

Autoras como Butler (2003), Haraway (2000) e Piscitelli (2002) evidenciaram que esse feminismo de segunda onda foi construído em torno da ideia de mulher. Intentava-se criar uma irmandade, enfatizando que todas tinham experiências comuns *por serem mulheres*. Independente das diferenças de classe, raça/etnia, religião, geração,

origem regional/nacional, etc, havia supostamente a condição de mulher que as unia como sistemática e inequivocamente oprimidas. Na época, a categoria gênero¹⁴ era utilizada para questionar determinismos biológicos, afirmando que papéis atribuídos aos sexos não eram naturais, mas erigidos socialmente. Contudo, a ideia de “ser mulher” deixava intacto o subtexto de que havia algo no reino da natureza que as mantinha semelhantes, fazendo com que as demais diferenças entre elas fossem consideradas secundárias.

Essas teóricas vão criticar, assim, o feminismo que se constrói com base no sujeito político mulher. Ele atua como se houvesse uma mulher essencial/natural, compreendida enquanto tal anteriormente a quaisquer vivências/experiências e apesar de qualquer outra diferença. Conforme Butler (2003) tenciona, tal política feminista acaba por criar o que alega meramente representar. Cria, portanto, uma mulher hegemônica, relegando a não-lugares aquelas que não se enquadram na moldura. A desconfiança na política que se baseia na identidade fez com que tais autoras propusessem que a política feminista fosse baseada em afinidades, alianças provisórias entre setores da sociedade a partir de pautas específicas; isso pode viabilizar a inclusão da miríade de diferenças pelas quais os sujeitos são atravessados, com menor possibilidade de provocar exclusões naturalizantes.

Dessa forma, o *Leia Mulheres*, por estar baseado na leitura de obras escritas por mulheres e não na identidade das participantes ou algum aspecto essencial compartilhado por elas – uma vez que qualquer pessoa pode participar – parece caminhar no sentido dessa proposta de feminismo, especialmente proposto por Haraway (2000) e Butler (2003). O feminismo que não *prega*, evocado por Sylvia, talvez seja esse que discute, pensa e propõe sobre questões sociais candentes, como fazem as participantes do clube a partir das histórias contadas nas obras, e que não precisam necessariamente passar pelo “ser mulher”.

Mas, se nesse sentido é possível dizer que o *feminismo que não prega* é aquele que se cria por meio de narrativas diversas, o que faz eco às propostas das teóricas

¹⁴ Estou fazendo referência ao conceito de gênero que tem como pressuposto a existência do sistema sexo/gênero (RUBIN, 1975). Atualmente o termo possui acepções mais atualizadas, que rechaçam inclusive a separação e diferenciação entre sexo e gênero, como a de Butler (2003), com quem estou dialogando no corpo do texto.

citadas, quando se observa a composição das participantes frequentes do leiamulheres Porto Alegre ainda salta aos olhos a homogeneidade racial e de classe do clube¹⁵.

Porém, as interlocutoras entendem que o grupo é diverso, visto que participam pessoas de diferentes profissões e ocupações. No debate sobre o *Frankenstein*, uma das presentes, que é engenheira ambiental, destacou as passagens em que Shelley descrevia a natureza. Eu, por exemplo, fiz um comentário sobre as teorias racialistas do século XIX. São exemplos de como esse tipo de diferença influencia no olhar sobre o texto. Pode ser interessante, mas não provoca as fissuras que a presença de diferenças mais significativas intra-grupo poderiam suscitar. A configuração racial e de classe do grupo pode estar atuando para a “não presença” de outras pessoas que ali poderiam comparecer e ter o hábito de leitura – especialmente de obras escritas por mulheres – estimulado.

Entretanto, é válido ter em conta que o projeto leia mulheres é nacional e que em cada uma das mais de oitenta cidades onde a iniciativa funciona atualmente, há especificidades locais relativas às dinâmicas dos encontros, características dos participantes e organizadoras, modo de escolha das obras, entre tantas outras particularidades imagináveis, que podem conter clivagens de gênero, raça, classe, geração, sexualidade entre outras marcações de diferenciação. A autonomia incentivada pelo projeto, analisado em seu caráter nacional, potencializa alteridades, possibilitando a vivência e elaboração de *feminismos que não pregam*, no plural.

As entrevistadas consideram que o clube leia mulheres causou/causa impacto nacional e regional no mercado editorial. Dizem que a divulgação dos livros escritos por mulheres, promovida por elas, estimula que sejam resenhados e divulgados nos meios de comunicação mais amplos. Observam que duas editoras importantes criaram um selo para literatura escrita por mulheres. Atribuem a recente inserção de livros de escritoras mulheres como leitura obrigatória de vestibulares de muitas universidades ao “barulho” provocado pelo projeto. Carolina disse inclusive que a livraria que frequenta, no bairro em que mora, criou uma seção específica com autoras mulheres em seu espaço físico. Mas ainda são questões pontuais. Conforme aduz Marina, seu desejo é um dia participar de um clube de leitura chamado Leia, em que as obras possam ser escolhidas apenas por seu valor ficcional e pelo conteúdo, pois será um contexto de igualdade, onde mulheres e homens serão lidos na mesma proporção.

¹⁵ Não posso tecer considerações mais detalhadas e assertivas a respeito, pois o curto tempo de campo e interação não permite.

Considero que tais impactos, elencados pelas interlocutoras, assim como o processo de valorização simbólica da literatura feita por mulheres e, também, do diálogo realizado a respeito delas, pode ser traduzido como reconhecimento. Explico: em conhecido escrito sobre o assunto, Taylor (1994) argumenta que a identidade, especialmente de indivíduos, mas também de grupos, é construída a partir de sua relação com os demais. Quando, nessa relação, não há a devida valorização do outro, a visão positiva a respeito de si fica comprometida. Esse raciocínio pode ser mais bem compreendido quando levado para a esfera das políticas estatais. Quando determinado Estado ou governo deixa de atender a demandas específicas de indivíduos e/ou grupos sociais, eles passam a não ser socialmente valorizados, podendo ser discriminados pelos demais, o que cria percepção negativa sobre si próprios: desvalorização, não reconhecimento. Nesse sentido, reconhecer passaria necessariamente por executar políticas diferenciadas, como, por exemplo, permitir que determinado grupo étnico use sua língua materna em documentos oficiais, mesmo que seja diversa do idioma oficial do país.

As práticas do leia mulheres promovem, portanto, reconhecimento, nacional e regionalmente, mas este não passa por uma demanda junto ao Estado. As ações do clube promovem reconhecimento de maneira autônoma, mas também, demandam que ele seja realizado pelo mercado, nesse caso, especialmente o editorial. Porém, as relações mais pormenorizadas do clube com o mercado, assim como o papel que a *internet* cumpre/cumpriu na criação e manutenção do Leia Mulheres Porto Alegre, são assuntos para outros textos.

A reflexão antropológica realizada aqui sobre literatura não utilizou escritos literários como material etnográfico, nem tampouco propôs pensar as fronteiras tênues entre o texto antropológico e o literário. Procurou, ao contrário, compreender como um clube de leitura de autoras mulheres funciona, quais as discussões que trava, buscando entender como novas práticas elaboram também novos sentidos, aqui, especificamente, de feminismo e reconhecimento. O leiamulheres Porto Alegre confere outro lugar à literatura: ela é partilhada, dialogada e constitui o mote da política. “Cuidado, pois sou destemido e, portanto, poderoso”, é a tradução da epígrafe com a qual iniciei o texto. A frase, do livro *Frankenstein*, é dita pela criatura quando resolve se vingar do criador. Uso o trecho, porém, não para tratar de vingança, mas para enfatizar a coragem e poder necessários para transformar padrões e realidades.

Referências

- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero. Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2003.
- CORTÊS, Natacha. *Mulheres, literatura e mais uma provocação*. Disponível em: <http://confeitariamag.com/natachacortez/mulheres-literatura-e-mais-uma-provocacao/>. Acesso em: 25 de julho de 2018.
- COSTA, Isabel. *Mais de 70% dos livros publicados por grandes editoras brasileiras entre 1965 e 2014 foram escritos por homens*. Disponível em: <http://blogs.opovo.com.br/leiturasdabel/2017/11/30/homens-e-brancos-tem-maior-fatia-no-mercado-editorial-desde-1965/>. Acesso em 25 de julho de 2018.
- DA MATTA, Roberto. “O ofício de etnólogo, ou como ter *anthropological blues*.” In NUNES, Edson. *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, Rio de Janeiro: Museu nacional, 1978.
- GOMES, Carla; SORJ, Bila. Corpo, geração e identidade: a Marcha das Vadias no Brasil. In *Revista Sociedade e Estado – Volume 29, Numero 2, Maio/Agosto 2014*. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v29n2/07.pdf>. Acesso em 25 de julho de 2018.
- HARAWAY, Donna. “Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX.” In SILVA, Thomaz Tadeu da. *Antropologia do Ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. pp. 37-129.
- LEIA MULHERES. *Sobre nós*. Disponível em: <https://leiamulheres.com.br/sobre-nos/>. Acesso em: 15 de abril de 2018.
- MIGUEL, Ana de. “Feminismos.” In AMORÓS, Celia. (Org.). *10 palabras clave sobre Mujer*. Estella (Navarra), Espanha, Editorial Verbo Divino, 1995. pp. 217-255.
- PEIRANO, Mariza. “Etnografia não é método.” In *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul/dez. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s010471832014000200015>. Acesso em: 10 de junho de 2017.
- PISCITELLI, Adriana. “Recriando a (categoria) mulher?” In *Textos Didáticos*. Campinas: Universidade de Campinas, n.º48, p. 7-42, 2002. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/93407503/Aula-2-PISCITELLI-Adriana-Recriando-a-CategoriaMulher-Decrypted#scribd>. Acesso dia 10 de outubro de 2010.
- PIZA, Mariana Vassallo Piza. *O Fenômeno Instagram: considerações sob a perspectiva tecnológica*. Trabalho de Conclusão de Curso, Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília, 2012. (Manuscrito inédito)

ROSA, Ana Beatriz. *#LeiaMulheres: como o mercado editorial perpetua a desigualdade de gênero na literatura*. Disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/2016/07/04/leiamulheres-como-o-mercado-editorial-perpetua-a-desigualdade-a-21686017/?utm_hp_ref=br-leia-mulheres. Acesso em: 15 de abril de 2018.

RUBIN, Gayle. “The Traffic in Woman: notes on the ‘political economy’ of sex.” In REITER, Rayna (Ed.). *Toward an Anthropology of Women*. Nova York, Monthly Review, 1975. pp. 157-210.

SILVERMAN, David. *Interpretação de dados qualitativos: métodos para análise de entrevistas, textos e interações*. Porto Alegre: ArtMed, 2009.

TAYLOR, Charles. “A política de reconhecimento.” In _____. *Multiculturalismo. Examinando a política de reconhecimento*. Lisboa: Instituto Piaget, 1994. pp. 45-94.

VELHO, Gilberto. “Observando o familiar” In _____. *Individualismo e Cultura – notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1981. pp. 123-132.